



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**SANTOS E DEMÔNIOS DANÇANDO NO CARNAVAL NORDESTINO:
QUATRO CORDÉIS ESCOLHIDOS DE J. BORGES**

Marcio Marchioro*

A literatura de cordel, expressão típica do Nordeste brasileiro, surge como forma institucionalizada de arte por volta do início do século XX. Seu principal autor é Leandro Gomes de Barros, que se apropria de uma cultura oral que já circulava no Nordeste com repentistas e contadores de histórias e resolve publicá-las. A partir disso, uma gama infindável de autores aparece e um deles é J. Borges. Radicado no município de Bezerros em Pernambuco, J. Borges constrói sua carreira sobretudo a partir de suas xilogravuras. Porém sua obra poética também é bastante extensa, completando mais de 200 publicações. O objetivo deste artigo é analisar quatro de suas principais obras: duas obras da década de 1970 – *O exemplo da moça que encontrou a besta-fera* e *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno* – e duas da década de 1980 - *A moça que dançou depois de morta* e *A chegada da prostituta no céu*. Procura-se estabelecer, deste modo, rupturas, continuidades e influências culturais em seus quatro poemas.

* Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná e Curso de Especialização em História do Brasil na Pós-Graduação ITECNE, Curitiba - PR.

ORIGENS DO CORDEL

A literatura de cordel chega ao Brasil com a colonização portuguesa. No entanto, segundo Maria Ângela de Faria (GRILLO, 2013, p. 01), os folhetos – como também são chamados os cordéis no Nordeste – só ganham formatos e histórias próprias muito influenciadas pela cultura africana e indígena.

Os leitores de cordel, muitas vezes, eram analfabetos que os utilizavam para aprender, de forma autodidata, a ler e escrever. A autora do texto intitulado “Os folhetos nordestinos: literatura e história” publicados nos Anais digitais do XXVII Simpósio Nacional de História relata que os próprios autores dos cordéis, em seu início, eram semi-analfabetos (GRILLO, 2013, p. 02). O caso de J. Borges – escritor que terá algumas de suas obras analisadas neste artigo – é emblemático. “*J. F. Borges estudou somente durante 10 meses, em sítios e escolas particulares, abandonou seus estudos, pois, com apenas 10 anos de idade, foi trabalhar como agricultor*” (GRILLO, 2013, p. 02).

Normalmente, como segue relatando Grillo (2013, p. 03) os autores da literatura de cordel em fins do século XIX e início do século XX, eram transmissores de história que estavam arraigadas na oralidade da localidade em que ele vivia. No entender de Grillo (2013, p. 04-18) existem três autores que são essenciais na formação da literatura de cordel no nordeste brasileiro: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Não é possível determinar o exato momento em que os cordéis impressos passaram a circular no Nordeste. Porém, os autores citados acima constituíram a indústria do cordel: seu formato, sua forma de impressão e as linhas gerais das histórias que neles são publicados.

Leandro Gomes de Barros, como segue contando Grillo (2013, p. 05), apesar de ter nascido na Paraíba, afamou-se como um autor pernambucano. Sua primeira obra foi publicada em 1907 na cidade de Vitória de Santo Antão, nas proximidades de Recife. Já no ano posterior, muda-se para a cidade do Recife e passa a utilizar das tipografias da cidade para imprimir e publicar seus poemas. Leandro ficou tão conhecido na cidade que passou a ter seus poemas circulando em jornais da capital.

Dizem que Leandro foi o primeiro a imprimir os folhetos. Partindo de uma literatura oral, ele fixou a mesma numa forma escrita. Apesar de já existirem de uma forma manuscrita, sua circulação era restrita. É a partir de Leandro Gomes de Barros que se estabelece um grande mercado consumidor para o folheto, pois vai constituir uma rede de distribuidores e vendedores de sua obra (GRILLO, 2013, p. 09).

Mesmo tendo um público leitor cativado, Leandro Gomes de Barros fazia questão de ir ao Mercado São José – ponto estabelecido até hoje de venda dos cordéis – e vendê-los na intenção de permanecer próximo de seu público (GRILLO, 2013, p. 05). Leandro preocupava-se muito com a recepção de seus versos e procurava passar uma ideia de veracidade em suas histórias (GRILLO, 2013, p. 06). A preocupação com a autoria do cordel era bem presente no início do século XX, e Leandro criou o acróstico, forma de inserir seu nome na estrofe final do poema. Dessa forma, as iniciais das frases da última estrofe do cordel formavam seu nome na vertical.

Outro autor relevante na formação da literatura de cordel, conforme a autora (GRILLO, 2013, p. 10), seria Francisco das Chagas Batista. Nascido no interior da Paraíba, Chagas levou para a capital João Pessoa o formato da literatura de cordel. Homem letrado, Chagas era apreciador de grandes escritores da literatura brasileira e também da estrangeira. A editora criada por ele, chamada de *Livraria Popular*, além de publicar seus cordéis, também se especializou em editar autores como José de Alencar, Eça de Queiroz e até mesmo o francês Victor Hugo (GRILLO, 2013, p. 10).

Chagas, por sua vez, trouxe algumas inovações importantes que, posteriormente, se estabeleceram como característica dos poemas. Chagas introduziu no cordel o suspense. Muitas vezes relatando as histórias de cangaceiros em pleno desenvolvimento, no final de suas obras, o autor prometia ao leitor que assim que novas histórias surgissem seriam publicadas em formato de poema (GRILLO, 2013, p. 11).

Por último, a autora analisa rapidamente a influência de João Martins de Athayde, autor que ela considera o terceiro mais importante no estabelecimento dos folhetos no Nordeste (GRILLO, 2013, p. 12). Também do estado da Paraíba, Athayde ficou conhecido a partir da publicação de um livro em que duelava com Leandro Gomes de Barros. O duelo era, claro, apócrifo. Porém, o cordel fez com que Athayde ficasse conhecido em todo o Nordeste (GRILLO, 2013, p. 13). Inicialmente, Athayde e Leandro cultivaram, por algum tempo, uma rivalidade, pois Leandro o acusava de usar seu nome para se estabelecer no meio como cordelista. No entanto, a rivalidade logo cessou e quando Leandro faleceu na década de 1920, Athayde escreveu um cordel em homenagem ao amigo que se tornou um grande sucesso (GRILLO, 2013, p. 14). Athayde foi quem comprou os direitos da obra de Leandro.

O MEDIEVO NO NORDESTE

Tendo em vista esse breve apanhado das características dos autores dos cordéis nordestinos e dos seus principais autores, passo agora a explorar mais detalhadamente as influências da maioria de suas histórias. No artigo *Cavalaria no Novo Mundo*, o historiador Peter Burke (2000, p. 197-211) nos dá uma boa base nesse sentido. Procurando analisar as influências dos romances medievais na conquista da América e, principalmente, no Nordeste do Brasil em sua literatura de cordel. Conquistadores como Colombo e Cortés, nesse sentido, teriam se influenciado por essa literatura disponível na Europa do século XVI para explorarem esse novo contexto geográfico até então desconhecido pelos europeus.

Mesmo com a tentativa de renegar os romances de cavalaria à literatura de baixa qualidade e popularesca, como relata Burke (2000, p. 197) feita em *Don Quixote* de autoria de Cervantes, a Espanha do século XVI foi abarrotado por livros de cavalaria. Em Portugal a situação narrada por Burke (2000, p. 199-200) seria bastante parecida. Tanto que obras como *Os Lusíadas* de Camões e o escrito João de Barros teriam se influenciado muito e lido vários romances cavaleirescos durante suas trajetórias de vida.

Com o imaginário povoado de monstros e mulheres guerreiras, a parcela da sociedade ibérica que vem desbravar o Novo Mundo começa a se utilizar do referencial literário e mitológico para dar nome às situações, acontecimentos e personagens da Conquista. As amazonas irão aparecer no Brasil, assim como Carlos Magno e Dom Sebastião vão influenciar a literatura de Cordel com autores como Leandro Gomes de Barros. Movimentos sociais contestatórios da ordem vigente, além disso, como Canudos no Nordeste e o Contestado no Sul do Brasil, serão pautados na esperança da volta de seres míticos no objetivo de se alcançar um paraíso terreal (BURKE, 2000, p. 201-6).

As referências vão aparecer, mais posteriormente, na literatura produzida no Novo Mundo. Mario Vargas Llosa, Jorge Amado, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna são exemplos sofisticados de aproveitamento dessa cultura cavaleiresca disponível no Novo Mundo, os três últimos por meio da literatura de cordel e do contato com a cultura oral influenciada pelo romance medieval.

Por isso, o texto apresenta-se tão interessante. Com a argumentação de Burke um novo campo de estudos se abre: a leitura nas ações humanas. Apesar de ser um campo historiográfico muito fértil atualmente, está longe de cair no esgotamento. É neste campo

do trabalho historiográfico que este artigo se insere, mas precisamente no que se denomina de história cultural.

CORDEL E LETRAMENTO

Um trabalho de história cultural importante relacionado com o tema do cordel é o de Ana Maria de Oliveira Galvão. No artigo Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950), Galvão procura analisar a importância do cordel na alfabetização autodidata, ou seja, fora do âmbito escolar.

Para elaborar sua pesquisa, Galvão (2002, p. 117) entrevistou moradores do Recife que nasceram em regiões do interior do Nordeste nas décadas de 1910, 1920 e 1930. A autora também consultou folhetos de cordel para comparar com as narrativas orais de seus entrevistados que, muitas vezes, relatavam obras inteiras de cor.

Os cordéis eram quase sempre compartilhados com familiares e amigos. Eles eram lidos no coletivo e em voz alta. Sua recepção, dessa forma, era bem diversa. O primeiro momento de leitura acontecia justamente nas feiras nos quais os cordéis eram expostos e vendidos para o público. Como conta Galvão (2002, p. 119), os próprios autores dos folhetos liam trechos de suas obras para estimularem os leitores a adquirir seus escritos.

Depois de devidamente adquiridos os cordéis eram levados para seus lugarejos e lidos em casa para um grande número de pessoas ou, até mesmo, para vizinhos e amigos em lugares públicos. O fato é que o cordel era objeto de intensa circulação entre as pessoas no interior do Nordeste, sobretudo Paraíba e Pernambuco – lugares dos quais seus entrevistados eram oriundos (GALVÃO 2002, p. 119).

Além disso, muitas histórias dos livretos eram declamadas por pessoas do povo que as sabiam de cor, sem consultá-los (GALVÃO, 2002, p. 120). Histórias famosas de bandidos, sobrenaturais e engraçadas eram narradas em poesia por moradores do interior a partir da repetição constante. Claro, sempre havendo espaço para a criação.

Cada apresentação se constituía em uma nova composição, em um processor dinâmico de criação e, ao mesmo tempo, de conservação. Nos processos de produção da literatura oral, a recepção assume, pois, um papel fundamental. O poeta, ao apresentar-se para uma audiência

variada, pode controlar sua produção em função dos interlocutores (GALVÃO, 2002, p. 129).

Alguns entrevistados, ainda por cima, como conta Galvão (2002, p. 121), não sabiam dizer a origem de algumas histórias, se elas eram da literatura de cordel ou da tradição oral do povo do Nordeste.

A leitura dos folhetos demonstrava certo empenho de gerações no letramento compartilhado. Muitos meninos e meninas que frequentavam escolas eram encarregados das leituras para os adultos e jovens não letrados (GALVÃO, 2002, p. 124).

Por fim, a autora sugere em seu texto um argumento que vai ser explorado neste artigo. Para Galvão (2002, p. 135), o “elemento mítico-religioso” está muito presente na literatura de cordel. Seus heróis sempre têm seus destinos alterados por forças mágicas ou elementos da religiosidade cristã, como o demônio, anjos e santos. “*Além disso, em quase todos os poemas analisados, a morte é algo essencial na própria construção das histórias*” (GALVÃO, 2002, p. 135). Como poderá se ver neste trabalho, J. Borges atende todas essas características citadas por Galvão.

BREVE RELATO DA TRAJETÓRIA DE J. BORGES

Antes de começar a falar da obra de J. Borges vale a pena fazer um breve relato de sua trajetória pessoal. Um dos maiores gravuristas e cordelistas do Nordeste, José Francisco Borges, o J. Borges - como assina suas xilogravuras – só frequentou a escola pelo período de 10 meses. Foi o tempo necessário para aprender a ler e a escrever (O Nordeste.com).

J. Borges, antes de partir para o ramo da literatura de cordel, além de trabalhar na lavoura, também vendeu jogo do bicho, tijolos e telhas e confeccionou brinquedos. Foi somente com 29 anos de idade que J. Borges escreveu seu primeiro cordel, abandonando as demais profissões. Seu primeiro Cordel foi *O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Pretolina* e logo vendeu cinco mil exemplares se tornando um grande sucesso (O Nordeste.com).

Em uma entrevista concedida para o site *O Nordeste.com*, J. Borges diz que no mundo rural de Pernambuco, onde passou sua infância, a única diversão era o cordel. Não havia televisão, mas havia rádio, porém, na época, o aparelho, por ser muito caro, era

exclusividade das famílias mais abastadas. Nesse sentido, era o cordel a única forma dessas famílias do meio rural se informarem sobre o cangaço, sobre as guerras, sobre a morte de pessoas famosas, com é o caso de Getúlio Vargas (O Nordeste.com).

Sua entrada na arte da xilogravura se deu por conta da publicação do cordel intitulado *O Verdadeiro Aviso de Frei Damião Sobre os Castigos*. J. Borges, sem dinheiro para pagar um gravurista, resolveu por a mão na massa e, para isso, entalhou em madeira a fachada da igreja matriz de Bezerros, onde está localizada sua oficina de gravura até hoje (O Nordeste.com).

Depois disso, J. Borges começou a receber encomenda de outros cordelistas para ilustrar suas obras, foi assim que sua fama de exímio xilogravador se espalhou pelo Nordeste. Porém, sua obra só foi realmente reconhecida quando Ariano Suassuna passou a dar entrevista para jornais de São Paulo dizendo que J. Borges era o maior gravador popular do Nordeste. A partir daí, segundo conta o próprio J. Borges (O Nordeste.com), muitos visitantes começaram a chegar a sua oficina, pessoas vindas de todos os lugares do país, principalmente turistas das regiões Sul e Sudeste.

J. Borges conta, além disso, que um dos seus grandes personagens é o diabo. A figura mitológica bíblica provoca certo interesse dos leitores, diz o autor (O Nordeste.com). “*A mulher e o diabo, porque a mulher todo mundo admira, e o diabo um bocado de gente também gosta. E quando não gosta, tem medo. De qualquer maneira ele chama atenção*”.

Atualmente, J. Borges anda se especializando em cordéis mais voltados para o humor escrachado. Seu último cordel de grande sucesso foi *A Vida Secreta da Mulher Feia*. São cordéis pequenos com no máximo 10 folhas que procuram fazer sátira de situações do cotidiano e são de leitura rápida (O Nordeste.com).

OS CORDÉIS DA DÉCADA DE 1970

Ao se analisar quatro cordéis específicos de J. Borges encontram-se algumas continuidades e também rupturas importantes. As seções do artigo que aqui seguem se propõem a analisar duas obras da década de 1970 – *O exemplo da moça que encontrou a besta-fera* e *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno* – e duas da década de 1980 - *A moça que dançou depois de morta* e *A chegada da prostituta no céu*. O objetivo principal desse estudo é identificar temas recorrentes, rupturas e continuidades

na obra de J. Borges. Vale lembrar que a obra em folheto de J. Borges ultrapassa facilmente mais de 200 cordéis publicados. A escolha dos quatro cordéis foi feita na tentativa de buscar diálogos temáticos entre as obras e pelo fato de serem consideradas suas obras mais significativas com recordes de vendas.

Em *O exemplo da moça que encontrou a besta-fera*, por exemplo, de autoria de José Francisco Borges – o J. Borges – publicado em 1972 e com 8 páginas, o autor conta a história de uma moça “*farrista e mangadeira (sic)*”¹, além de “*insolente, imbecil e fuxiqueira*” (J. BORGES, 1972a, p. 01). Na história a moça não acreditava em Deus, vestia-se de forma inadequada segundo os padrões do poeta e só falava palavrão. Ou seja, característica que segundo a visão da cultura nordestina retratada nos cordéis, não deveria ser o comportamento de uma moça. Porém, a moça “*apesar de ser ruim/era linda em feição/muito rica e atraente/aos homens da região/era anjo de cobiça*” (J. BORGES, 1972a, p. 02).

Certo dia, Frei Damião passa por sua cidade. Os pais convidam a moça para assistir uma missa do Frei, que na época em que J. Borges escreve já era famoso em todo Nordeste e digno de romarias. Entretanto a moça, descrente do catolicismo como era, o chama de “*padre caduco*” (J. BORGES, 1972a, p. 03).

Mais adiante, J. Borges (1972a, p. 03) revela que a moça na verdade “*batia xangô*” – nome dado ao candomblé em Pernambuco. Enquanto seus pais foram ver Frei Damião, a moça “*vestiu um short apertado/unhas e beijos pintou/botou sombra nas pestanas*” e foi praticar rituais de origem afro-brasileira.

A moça, contudo, não esperava encontrar o próprio diabo quando andava pela rua. Há aí um claro julgamento de valor em relação ao espaço da mulher na sociedade.

Ao ler-se o cordel de J. Borges (1972a) vê-se que em plena década de 1970 no agreste nordestino, ainda há certo tabu em relação à mulher andar sozinha na rua e circular em espaço público sem a companhia masculina.

A partir disso, o Diabo começa a descrever o que acontece com uma mulher “*que vive na gafieira*” (J. BORGES, 1972a, p. 06) quando adentra o inferno. A moça passa a arrepender-se de suas práticas e de suas saídas noturnas, volta para casa contar o que lhe aconteceu aos pais e vai a igreja ver Frei Damião.

¹ Mangadeira – derivado de mangar; caçar, zombar de alguém entre todos os presentes.

Já em *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno*, também publicado em 1972, J. Borges utiliza do humor para lidar com o imaginário religioso do povo nordestino. No Rio Grande do Norte havia uma mulher que desafiava o marido dizendo que ia vender o seu cabelo. O marido, porém, sempre muito elogioso, não acreditava na história da mulher. Um belo dia, Julia Assunção – como se chamava a mulher –, o desafia dizendo que “quando eu me aperriar vendo até ao diabo” (J. BORGES, 1972b).

Ninguém espera, entretanto, que a mulher entrasse numa espécie de depressão que J. Borges (1972b, p. 3) chama de “esmorecer”. Júlia morre quinze dias depois de ter vendido seu cabelo e vai parar no Inferno. A “viagem” é contada ao marido em sonho. No sonho, a mulher conta suas visões do Inferno e quais tipos de pessoa foram condenados a estarem lá. Vale a pena citar os trechos em que J. Borges (1972b) fala dos condenados:

(...) vi mulher falsa ao marido/em fogo se derreter/**e os cabeludos em fila/pra dançar o iê iê iê.** (...) **vi um diabo** (...) botando o negociante/pra dentro da chama ardente/porque quando era vivo/não pensava honestamente. (...) satanás queimando a alma de um pistoleiro. (...) homem que espanca mulher (...) e ladrão. (...) Vi uma moça fogosa (...) mulher que extrai os filhos. (...) ladrão de galinha, (...) moça de unha pintada, (...) mulher que faz sobancelha [e por fim,] (...) mulher que vende os cabelos/no inferno vira pantera. (...) mulher ciumenta. (...) mulheres escandalosas/que usam vestido curto (*grifos meus*).

Pode-se identificar nos dois cordéis analisados até aqui a presença de um público específico para o qual o cordel é destinado. Segundo Mark Curran (2011, p. 23), a grande maioria dos poetas cordelistas do século XX tem uma visão religiosa e moral católica que os guiarão em suas obras. A modernização a qual o Brasil vem sofrendo nas últimas décadas, com a consequente perda de fiéis das igrejas católicas, é um dilema muito forte na literatura de cordel. Os condenados do cordel *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno*, são, em sua maioria, atores diretos dessa modernização, como são os casos das mulheres e até dos movimentos musicais. Quando J. Borges (1972b) diz “(...) *vi mulher falsa ao marido/em fogo se derreter/e os cabeludos em fila/pra dançar o iê iê iê*”, há aí uma crítica explícita ao movimento da Jovem Guarda capitaneado por Roberto Carlos e seus amigos.

J. Borges não está isolado. Conforme Curran (2011, p. 46), quando o movimento surgiu influenciando jovens e alterando comportamentos sociais nas famílias, muito cordéis com teor crítico conservador surgiram:

Por acaso, uma das primeiras músicas e das mais famosas de Roberto Carlos foi *Quero que tudo vá para o Inferno*. Não poderia ter sido melhor para os poetas de cordel! Foram escritos dezenas de poemas, que no final de 1966 e começo de 1967 se vendiam como pão quente nas ruas do Nordeste: *Vida e sucessos do Cantor Roberto Carlos*, *A Carta que Satanás Mandou ao Cantor Roberto Carlos*, *A Resposta de Roberto Carlos à Carta de Satanás* e outros folhetos, aproveitando o sucesso dos primeiros, como *O Encontro de Satanás e Roberto Carlos*, *A Chegada da Caravana de Roberto Carlos no Inferno*, ou *A Moça que Mordeu o Travesseiro Pensando que fosse Roberto Carlos*.

De acordo com os valores católicos tradicionais, os movimentos musicais seculares em torno do *Rock n' Roll* tanto internacionais como nacionais, afetavam os costumes e provocavam uma reviravolta na cultura jovem mundial, a partir da década de 1960 sobretudo. De acordo com Adriano Alves Foire e Miguel Luiz Contani (2011, p. 02), o Rock é uma música que manifesta em sua essência a vontade de mudar a ordem do mundo. Nesse sentido, Rock e carnaval têm paralelos, pois ambos têm uma ideologia de “carnavalização” da sociedade, ou seja, uma inversão momentânea do social. Temas tabus normalmente são discutidos nas letras de Rock: aborto, suicídio, morte, religiosidade, guerras, dentre outros (FOIRE & CONTANI, 2011, p. 05). Portanto, o *Rock n' Roll*, forte inspiração ao movimento da Jovem Guarda, tem uma atitude oposta à parcela de autores da literatura de cordel que dirigem seus escritos a um público católico crente de Frei Damião e Padre Cícero principalmente.

OS CORDÉIS DA DÉCADA DE 1980

No cordel *A moça que dançou depois de morta*, de 1985, o tema do Rock aparece novamente. J. Borges cria a história de uma moça que morreu por seus excessos e por não obedecer a pai e mãe. Corina era o nome da moça que só queria saber de algazarra e de farra, saía “*de casa às 7 horas/só volta ao quebrar da barra*” (J. BORGES, 1985a, p. 01). A moça, além do mais, não queria saber de frequentar a igreja, só namorava cabeludo que gostava de tocar violão. Tinha posicionamentos a favor da liberdade feminina, pois se recusava a casar. No entanto o castigo veio à moça que saía toda noite para danças,

“*fumando erva e bebendo/todo dia sem parar*”. Corina finalmente teve seu castigo, morreu de trombose cerebral.

O cordel segue em uma história mal-assombrada, na qual um homem encontra Corina no carnaval, dança com ela e a leva para casa. Apaixonado o homem volta a casa no dia seguinte e fica sabendo que a moça estava morta já a alguns meses. Mesmo em forma de alma penada, a moça continuava na “algazarra”, como diz J. Borges (1985a, p. 01-8).

O tema do carnaval e do rock brasileiro aparece novamente em *A moça que dançou depois de morta*. O carnaval como festa de inversão social permite até que os mortos voltem a compartilhar com os vivos por meio danças e diversão. O imaginário nordestino, como defende Peter Burke (2000), contém profundas raízes na cultura europeia medieval. Sua riqueza no que diz respeito ao imaginário religioso e à cultura das festas vão refletir muitos séculos depois na obra de J. Borges, por exemplo. Seres cadavéricos voltam à vida, as ruas nordestinas são povoadas de seres mitológicos como o Diabo, uma visão compartilhada pela historiografia no que tange à cultura medieval (BURKE, 2000).

Já em *A chegada da prostituta no céu* é possível localizar algumas rupturas. Publicado pela primeira vez em 1985, com 8 páginas também, é uma das mais conhecidas obras da literatura de cordel e a mais vendida de J. Borges. Neste cordel, J. Borges (1985b, p. 01-2), inicialmente, faz uma introdução da personagem da prostituta. Segundo o autor, a prostituta “*é também um ser humano*”, apesar de seus “defeitos” morais. J. Borges (1985b, p. 02) usa o exemplo bíblico de Jesus que perdoou Maria Madalena e a tornou uma de suas principais seguidoras.

A história do cordel *A chegada da prostituta no céu* é extremamente satírica – característica da obra de J. Borges –, e evidencia certo despojamento no tratamento com figuras católicas de grande devoção como os santos. A prostituta, parafraseando J. Borges (1985b, p. 03), que todo mundo acredita que vai para o inferno foi parar no céu.

Ao chegar ao céu ela sofre um ataque por parte de uma mulher casada ciumenta, furando a prostituta no braço. São Pedro logo se irrita com a briga e resolve abrigar a prostituta em sua casa prometendo “*não lhe falta nada vai dormir na minha cama até alta madrugada*” (J. BORGES, 1985, p. 05). O chaveiro do céu, São Pedro, diz ainda que na

terra as prostitutas são mal-tratadas, porém no céu a situação é bem diferente. Abrigada por São Pedro, entretanto, a prostituta mantém a sua índole de namorar muitos homens:

(...) Depois disso a prostituta/foi fazendo o que bem quis/botou galha em São Pedro/namorou com São Luiz/tirou sarro com São Bento/no beco do chafariz.

Uma noite de São João/dançou com São Expedito/levou xecho (sic) de São Brás/namorou com São Carlito/e no fim da festa foi dormir com São Benedito.

Além disso, a prostituta trocou São Oscar por São Brás, fato que indignou o santo que foi reclamar com Jesus. O filho de Deus tenta amenizar a situação e fazer São Oscar entender as agruras que a prostituta tinha sofrido na Terra. “*Mesmo com as prostitutas/vive cheio de tarado correndo atrás das moças*”, imagine só se elas não existissem, segue dizendo Jesus a São Oscar.

Em entrevistas dadas por J. Borges (O Nordeste.com) o autor declara atualmente que não acredita no Diabo, mas o coloca como personagem principal da sua obra junto com “a mulher”, pois ambos causam medo e fascínio no público leitor. Ao comparar os cordéis da década de 1970 com os da década de 1980 pode-se evidenciar uma mudança de postura, sobretudo com a questão da religiosidade. J. Borges na década de 1980 deixa definitivamente de lado o tabu de escrever sobre figuras sagradas do catolicismo e coloca os santos no meio do carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não procura fechar conclusões muito amarradas sobre a obra de J. Borges. A intenção foi fazer um estudo inicial a partir de obras chaves do autor. O objetivo deste artigo foi analisar, então, quatro de suas principais obras: duas obras da década de 1970 – *O exemplo da moça que encontrou a besta-fera* e *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno* – e duas da década de 1980 - *A moça que dançou depois de morta* e *A chegada da prostituta no céu*.

Ao destrinchar essas obras referenciadas acima, foi possível identificar algumas características. J. Borges utiliza em suas histórias o personagem do Diabo e o da “mulher” para fazer julgamentos moralizantes sobre as mudanças do seu tempo. O Rock representado pela geração da Jovem Guarda brasileira inverte valores, sobretudo no papel da mulher na sociedade. Se antes a boêmia era algo destinado a homens e “mulheres da

vida”, agora, por meio das músicas de Roberto Carlos, a mulher passa a se vestir diferente e sair à noite para dançar, o que no interior do Nordeste brasileiro nas décadas de 1970 e 1980 devia ser um espanto.

Identifica-se também na obra de J. Borges uma tendência a mudanças no que diz respeito ao tratamento de símbolos católicos. Na década de 1970 viu-se um J. Borges utilizando o Diabo para fazer sátira, enquanto na década de 1980 o autor já utiliza os Santos como brincadeira. Há várias hipóteses que podem ser trabalhadas a partir desta constatação. O relaxamento da censura ou mesmo o início de certo distanciamento da doutrina religiosa por parte do autor, que diz em entrevista não acreditar no Diabo, por exemplo. Entretanto, mesmo descrente, J. Borges, em seus quatro cordéis analisados continua julgando o mundo e, sobretudo as mulheres segundo valores do catolicismo popular nordestino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

BORGES, José Francisco. 1972a. **O Exemplo da Moça que Encontrou a Besta-Fera**. Bezerros: Do Autor, 8 páginas.

_____. 1972b. **O Exemplo da Mulher que Vendeu o Cabelo e Visitou o Inferno**. Bezerros: Do autor, 8 páginas.

_____. 1985a. **A Moça que Dançou Depois de Morta**. Bezerros: Do autor, 8 páginas.

_____. 1985b. **A Chegada da Prostituta no Céu**. Bezerros: Do autor, 8 páginas.

Referências

BURKE, Peter. 2000. “A cavalaria no Novo Mundo”. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 195-211.

CAPUTO, Stela Guedes Caputo. 2012. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé. Rio de Janeiro: FAPERJ.

CURRAN, Mark. 2011. **Retrato do Brasil em Cordel**. Cotia: Ateliê.

FOIRE, Adriano Alves & CONTANI, Miguel Luiz. 2011. Da utilização da imagética de caveiras no universo do Hard Rock e do Heavy Metal sob a ótica Bakhtiniana da

carnavalização. Comunicação de pesquisa. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Londrina – PR.

GALVAO, Ana Maria de Oliveira. 2002. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). *Educ. Soc.* [online]. vol.23, n.81, pp. 115-142. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100007>.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. 2013. “Os folhetos nordestinos: literatura e história”. *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História*. Acessado em 03/06/2014 Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompletoparaenviar.pdf

MACHADO, Clarice et alii. 2008. O espaço e o papel femininos na década de 1920. Resenha. *Revista de História Contemporânea* [online]. n. 2, Acessado em 25/05/2014, Disponível em <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/resenhafonfon.pdf>

O NORDESTE. <http://www.onordeste.com> . Acessado em 25/05/2014, Disponível em http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=<r=j&id_perso=174

